

28 a 30 Out
**A Voz
Humana**
de Jean
Cocteau

Sexta a Sábado às 21h00
Domingo às 17h30
Sala Principal
m/12

Texto
Jean Cocteau
Tradução
**Alexandra Moreira
da Silva**
Concepção e Encenação
Carlos Pimenta
Concepção, Som e
Imagem
Raquel Castro
Figurinos
Bernardo Monteiro
Música original
Dead Combo
Desenho de Som
Francisco Leal
Desenho de Luz
José Álvaro Correia
Interpretação
Emília Silvestre
Co-produção
**Ensemble - Sociedade
de Actores**
Temps d'Images
Teatro Nacional São João
SLTM

Com a amável autorização de
Pierre Vergé, titular do direito
moral de autor das obras de
Jean Cocteau, Presidente do
Comité Jean Cocteau.

Voz Humana?

Carlos Pimenta
Raquel Castro

Jean Cocteau escreve *A Voz Humana* (1930) com um duplo propósito: o de possibilitar a expressão máxima das capacidades de uma actriz e o de introduzir na comunicação oral um elemento mediador, o telefone. O texto tinha, assim, como objectivo primordial a sua representação cénica. Contudo, não deixa de ser curioso que seja precisamente no teatro - lugar de representação ritual - que a introdução de um elemento estranho venha perturbar a comunhão de corpos que lhe definem a condição. Em *A Voz Humana* procura-se um corpo ausente e tanto a actriz como o espectador são 'forçados' a constituí-lo nos silêncios que percorrem uma linha de telefone. De um corpo real, que vemos ali no palco, só podemos constituir um outro numa espécie de não lugar que nos obriga a aceitar novas formas de percepção e que exigem algo mais da nossa condição de espectadores (pelo menos no que respeita à identificação e estabelecimento de um compromisso com novos códigos). Todavia, e apesar de tudo, ainda estamos no terreno 'confortável' da ficção.

Mas, oitenta anos passados sobre a escrita da peça e com os corpos perdidos na ausência de um fio que os ligue, em que lugar se materializam e fazem ouvir a sua voz? Esta tornou-se, cada vez mais, presença electro-acústica que nos obriga ao entendimento de novas esferas do simbólico. A sua fixação ou transformação parecem-nos, hoje, mais verdadeiras e mais eficazes do que a própria voz humana. Tanto no que respeita às imagens como aos sons, a mediação adquire, cada vez mais, um espaço de significação no qual nos movemos com relativo à vontade sem necessidade de remissão para uma natureza primordial. A característica original da voz surge, assim, diminuída face ao potencial que a sua mediação através dos mais diversos *apparatus* acrescenta.

A expressão do amor, abandono, mágoa e sofrimento só pode ser dita por um corpo. Mas, dita para onde e para quem?

NOTAS BIOGRÁFICAS

Emília Silvestre Interpretação

Como atriz, participou em espectáculos das companhias Seiva Trupe, TEP, Os Comediantes e TEAR. Integra, desde 1996, o elenco de diversas produções do Teatro Nacional S. João. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras do Porto, fez a sua formação em Interpretação e Voz com nomes como os de M. Shelly e Lynn A., Polina Klimovetskaya, Julie-Wilson Dickson, Luis Madureira, Kuniaki Ida, etc. É fundadora da companhia portuense Ensemble - Sociedade de Actores, da qual é co-directora artística. Em televisão integrou este ano o elenco fixo da novela *Laços de Sangue* da SIC. Recebeu a Medalha de Mérito Cultural, Grau Ouro, no âmbito da Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura e, em 2007, a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCTP) atribuiu-lhe o Prémio Menção Honrosa pelo conjunto da sua carreira realçando, em particular, o seu trabalho desse ano em *Not I* de Samuel Beckett, *O Cerejal* de Anton Tchekov e *Turismo Infinito* de Fernando Pessoa.

Carlos Pimenta Concepção e encenação

Encenador e actor. Fez estudos na área do teatro, gestão das artes, fotografia e ciências da comunicação (cultura e arte). Mestrando em Ciências da Comunicação (Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias - FCSH da Univ. Nova de Lisboa). Dirigiu, entre outros, os espectáculos: Antígono (Ópera CCB | Divino Sospino; Dueto para Um (Tom Kempinsky) Prod. Ensemble. TECA | Porto; Dois Homens (José Maria Vieira Mendes) Prod. Companhia de Teatro de Almada; Senso (Boito / Visconti) - com Luciana Fina e Monica Calle - Prod. TNDMII; O Regresso de Ifigénia (Yannis Ritsos) Prod. Lucia Sigalho. Cadeia das Mónicas; Doublages (Jean-Paul Wenzel). Prod. Fundação C. Gulbenkian. Tem diversas participações, como actor, no teatro, televisão e cinema. Foi Coordenador do Departamento de Teatro do IPAE (1997-2001) e Presidente da GDA (Sociedade de Gestão dos Direitos dos Artistas

Intérpretes). Foi consultor do Instituto Camões para a área das artes do espectáculo (2006-2009). Publicou diversos artigos sobre cultura e teatro, em revistas nacionais e estrangeiras. Tem realizado diversas acções no domínio da formação profissional, consultoria, ensino e gestão cultural. Membro do Conselho de Curadores da Fundação GDA. Em 2004 foi distinguido pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.

Raquel Castro Concepção som e imagem

Realizadora, editora de Vídeo, investigadora, professora. Em 2003 produziu e co-realizou uma série baseada na memória oral de comunidades portuguesas, recolhendo em várias zonas do país vozes, imagens, sons e desenhos de crianças. Entre 2006 e 2009 fez uma tese de mestrado sobre Ecologia Acústica e realizou, a propósito dessa investigação, o documentário *Soundwalkers*. Em curso, estão outros filmes para dar seguimento a este projecto. De entre os documentários que realizou, destaca ainda *O Bairro e Leve Leve non Caba Ué*, vencedor do Festival Ovarvídeo 2007. É actualmente professora de Realização na Universidade Lusíada de Lisboa e de Cinema como Instrumento de Intervenção Terapêutica na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Está a investigar, para doutoramento em Ciências da Comunicação na Universidade Nova, "A Paisagem Sonora de Lisboa

Alexandra Moreira da Silva Tradução

Professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e do Groupe de Recherche sur la Poétique du Drame Moderne et Contemporain (Sorbonne Nouvelle-Paris III). Bolseira da Fundação Gulbenkian entre 2000 e 2003, leccionou, durante este período, a disciplina de Dramaturgia no Institut d'Études Théâtrales de Paris III. Áreas de investigação: Estudos de teatro e estudos de tradução. Traduziu para português diversas peças de autores franceses (Adel Hakim, Bernard-Marie Koltès, Patrick Kermann, Molière, Marguerite

Yourcenar, entre outros) e três ensaios de Jean-Pierre Sarrazac. Para francês, traduziu peças do brasileiro Camilo Pellegrini e dos portugueses Miguel Castro Caldas, Pedro Eiras e Abel Neves. É membro do comité de leitura (textos lusófonos) da Maison Antoine Vitez e da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Tem vários artigos publicados sobre tradução de textos de teatro e sobre dramaturgia moderna e contemporânea.

Dead Combo Música original

Os Dead Combo são Tó Trips e Pedro Gonçalves. Formaram-se em 2003 a convite de Henrique Amaro, da Rádio Antena 3, para a gravação de "Paredes Ambiente", incluída no CD de homenagem ao génio da guitarra portuguesa Carlos Paredes, "Movimentos Perpétuos - Música para Carlos Paredes". Encarnam duas personagens que poderiam ter saído de uma BD: um gato pingado e um gangster. O grupo lançou já 5 álbuns, três dos quais galardoados com "Album do Ano" e "Album da Década" em Portugal. "Quando a Alma não é pequena" e "Lusitânia Playboys", o segundo e terceiro álbum de estúdio, foram lançados respectivamente em 2006 e 2008 e foram eleitos "Álbuns da Década" pelo o semanário Expresso. Acabaram de lançar o seu quarto álbum de originais, "Lisboa mulata", que tem recebido muitos elogios da imprensa nacional.

José Álvaro Correia Desenho de luz

Concluiu o bacharelato em luz e som na ESMAE em 1999 e a licenciatura em Design de luz em 2007. Em 1998 recebeu uma bolsa de mérito do Instituto Politécnico do Porto. Estagiou no Teatro Nacional de Bergen (Noruega) e no Núcleo de Criação Teatral do Porto-Capital da Cultura. Desde então tem desenvolvido a sua actividade como desenhador de luz. Já realizou desenhos de luz para espectáculos encenados por diversos encenadores e coreógrafos portugueses e estrangeiros e para exposições (10 anos Refer, estação do Rossio), concertos (Jazz em Agosto da F. C. Gulbenkian, Real Combo Lisbonense), eventos (Moda Lisboa), exteriores (Projecto Jardim de Santos), óperas (*La Douce* de Emmanuel Nunes - Casa da Música) e curtas metragens (*Preto e Branco* realizado por Saguenaíl). Desde 2000 que dá

workshops e acções de formação na área de iluminação para espectáculos e colabora com a ESMAE e a escola profissional Balletteatro. É autor do *Manual Técnico de Iluminação para Espectáculos*.

Francisco Leal Desenho de som

Responsável pelo Departamento de Som do Teatro Nacional S. João, no Porto. Tem formação técnica em Produção de Som para Audiovisuais (QUASER) e Sonoplastia (IFICT). Em 1989 ingressou no Angel Studio onde aprendeu técnicas de captação e gravação de som. A sua actividade tem-se dividido entre espectáculos de teatro, dança, música e a gravação e edição de som, assinando vários trabalhos de sonoplastia e tendo trabalhado nas principais salas de espectáculos - Fundação Gulbenkian, ACARTE, CCB, Teatro Nacional D. Maria II, Culturgest, Teatro São Luiz, Teatro da Trindade, Teatro Rivoli, entre outras. Tem trabalhado com os encenadores José Pedro Gomes, Luis Miguel Cintra, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, José Wallenstein, e os músicos Mário Laginha, Pedro Burmester, Nuno Rebelo e Vítor Rua, entre outros. Em 2003 foi distinguido com uma Menção Especial pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro pelo trabalho desenvolvido na área da Sonoplastia e Desenho de Som para Teatro.

Ensemble Sociedade de Actores

Unidade de investigação e produção teatral e de formação contínua de actores, cuja actividade se desenvolve em três eixos fundamentais: Os Espectáculos, regidos por critérios de grande exigência de qualidade, construídos sobre textos do repertório clássico e contemporâneo, também com encomenda de obras originais a dramaturgos portugueses, e trabalhos experimentais, que reflectem os resultados do trabalho realizado em estúdio; O Estúdio de Actores, espaço íntimo onde se promove a experimentação, se interrogam e aperfeiçoam recursos e se faz a abordagem prática de textos das novas dramaturgias e das questões que levantam ao actor e às formas de representação; O Serviço Educativo, conjunto de programas de aproximação da cultura teatral aos diversos agentes de formação académica, desde o ensino básico ao universitário, e ao público em geral.